

# UM VOCABULÁRIO BÍBLICO

Não se trata do vocabulário bíblico, completo, exaustivo, com todos os termos bíblicos menos conhecidos em nossa linguagem corrente. É um vocabulário que não inclui nomes das tradições, da história, da geografia, de pesos e medidas ou dos hábitos da vida cotidiana na Palestina dos tempos bíblicos. É um vocabulário que se ocupa principalmente com termos que, na cultura do povo que nos deu a Bíblia, têm significado diferente daquele que têm em nossa cultura atual.

O verbete do vocabulário corresponde à palavra com que normalmente se traduz o termo hebraico ou grego. Em algumas passagens, a palavra talvez não apareça nas traduções. É que naquele contexto o sentido do termo é tão diferente do que tem hoje, que o tradutor preferiu evitar a palavra, digamos *ALMA*, para não causar confusão ou mal entendido. Se o leitor quiser se dar ao trabalho, compare em várias bíblias as diferentes traduções dos textos citados.

É um vocabulário incompleto e impreciso. Incompleto, porque muitos termos certamente foram esquecidos. Impreciso, porque, pela evolução das línguas, as palavras têm significados escorregadios como sabão e não é possível segurá-las com firmeza nem enquadrá-las perfeitamente, sem deixar que, vez por outra, escapem de nossas mãos.

E isso passa a ser um valor, quando uma mesma palavra tem significados diferentes e, então, o significado mais apropriado àquele contexto pode lembrar ou insinuar outros possíveis significados para a mesma afirmação. E aí, “haja coração!”.

Dividimos o vocabulário em cinco categorias de conceitos, de forma a que, em cada categoria, as palavras possam se completar e se esclarecer em termos de significados. É evidente que uma mesma palavra poderia caber em mais de uma categoria, dependendo do ângulo pelo qual se olha.

As cinco categorias são: 1. Vocabulário antropológico, ou de entendimento e descrição do ser humano, 2. Vocabulário social, palavras que significam as relações dentro dos grupamentos humanos, 3. Vocabulário econômico, ou palavras mais importantes para significar as relações de produção e de trocas, 4. Vocabulário político, ou palavras que definem as relações de poder e 5. Vocabulário ideológico ou cultural, termos próprios de uma maneira de pensar a vida e as relações humanas diferente da nossa maneira de pensar de hoje.

## 1.

### VOCABULÁRIO ANTRPOLÓGICO

*(entendimento e descrição do ser humano)*

**ALMA:** A palavra hebraica *nefesh*, que em geral se traduz por *alma*, significa em primeiro lugar pescoço ou garganta. Com esse sentido nós a encontramos em Jn 2,6 e no Salmo 69 (68),2: alguém, vendo-se perto da morte, que imaginavam um lugar de água e lodo debaixo da terra, diz que a água que o rodeia já está chegando à sua *alma*, isto é ao seu pescoço, à sua garganta.

Da garganta vem a idéia de paladar, gosto. Aliás, em português paladar tem a ver com palato, céu da boca, e sabemos hoje que o gosto não se percebe na garganta nem no céu da boca, mas na língua e nas narinas. Não admira, então, que ligassem o gosto à garganta. Na Bíblia, pois, frequentemente a palavra *alma* está ligada à idéia de gosto, paladar e, daí, à de apetite.

Assim é que, especialmente no Primeiro Testamento, jejuar é “afligir a *alma*”, “humilhar a *alma*”, eu diria “sacrificar a *alma*”, isto é, o apetite (Nm 29,7; 30,14; 1Sm 2,16; 1Rs 11,37; Is 1,14; 55,2) e tantas vezes se fala também em “delícias da minha *alma*”. Em Mt 6,25 Jesus diz “Não prejudiqueis a vossa *alma* (não seria o apetite: jejuar hoje para poder comer amanhã? Ou seria a vida, a saúde?) por causa do que comer, nem vossos corpos por causa do que vestir”. De apetite vem também o sentido de anseio, desejo, como se encontra em Mq 7,3.

Da garganta também sai o fôlego, o hálito, sinal de que a pessoa ou animal está vivo. Daí, o significado de vida. Assim se explica a proibição de comer carne com *alma*, isto é com sangue, como em Gn 9,4, pois significaria deglutir um ser vivo, que ainda respira.

“*Alma*”, assim, é também o ser vivo, o ser que tem fôlego, que respira, seja ele humano ou animal. Na divisão das conquistas de guerra em Gn 14,21 o rei de Sodoma diz a Abraão: “Dá-me as *almas* e fica com os bens”. Quer dizer, ele queria ficar com as pessoas, os prisioneiros de guerra, e com os animais, as ovelhas, os jumentos, enquanto o outro ficaria com as armas, as roupas, o restante dos despojos.

No Livro dos Números, várias vezes, como em Nm 6,6, a palavra *nefesh* vem completar a idéia de cadáver. Referindo-se à proibição de tocar em cadáver, o texto fala em “*nefesh* morta”. Seria necessário traduzir literalmente por “alma morta”? Isso não seria um absurdo? Parece-me que o autor sagrado quer dizer que não se trata de qualquer coisa sem vida como uma pedra, trata-se de um ser que respirava, que tinha vida, humana ou animal, e agora está morto.

“Perder a *alma*” é perder a vida, “Ganhar a *alma*” é salvar a vida, “dar alguma coisa em troca da *alma*” é dar alguma coisa em troca da própria vida.

Significando vida, significa também a pessoa e, assim, a palavra *alma* está em expressões que podemos substituir por “minha pessoa”, “tua pessoa”, que usamos para evitar dizer eu ou tu. “A minha *alma* engrandece” é o mesmo que “a minha pessoa engrandece” ou, simplesmente, “eu engrandeço”.

Um exemplo: Nm 11,6. A tradução de João Ferreira de Almeida diz: “Agora a nossa *alma* se seca, coisa nenhuma há, senão este maná”. A Bíblia da LEB<sup>1</sup> diz: “Seca-se-nos, agora, a garganta”. A Bíblia Pastoral diz: “Agora perdemos até o apetite”. A Bíblia de Jerusalém e outras que a seguem: “Agora estamos definhando”. É a *alma*, a garganta, o apetite, a pessoa mesma? Fica difícil definir com clareza.

Somente no final do Primeiro Testamento, como acontece no livro da Sabedoria, a filosofia grega passa a ter alguma influência nos textos bíblicos. Ela reservou a palavra *alma* para indicar o princípio inteligente, imaterial e imortal da vida humana e, por isso, coloca em oposição *alma* e corpo. Assim em Mt 10,28 Jesus diz que não se deve ter medo dos que podem matar o corpo, mas temer somente a Deus que pode destruir a *alma* e o corpo na geena, ou no fogo do lixo (veja no vocabulário ideológico as palavras *corpo* e *geena*).

*Alma* na Bíblia, na grande maioria dos casos, não é, então, simplesmente o que aprendemos da filosofia grega, ou seja, o princípio imaterial e, portanto, imortal, da vida humana.

**CARNE:** A palavra pode significar desde aquilo que os franceses chamam de *viande*, alimento de parte da massa muscular de um animal (Gn 9,4), até a tendência humana para o egoísmo.

Indica primeiro o ser humano, às vezes com o sentido daquilo que chamamos de consangüinidade, origem genética comum. Assim em Gn 2,23-24 ao acolher a mulher tirada do seu lado o homem diz: “É *carne* de minha *carne*” e o autor bíblico comenta: por isso “os dois serão uma só *carne*”, ou seja, uma só ser, uma só pessoa. Labão diz a Jacó que eles são da mesma carne (Gn 29,14), os irmãos de José dizem ‘ele é nossa carne’ (Gn 37,27).

Mais apropriadamente, *carne* é o ser humano, e mesmo o animal, enquanto limitado, frágil. É o que se nota em Gn 6,3 quando diz que o ser humano “sendo apenas *carne* não viverá mais do que cento e vinte anos”. Em Gn 6,13 Deus diz: “Decidi pôr fim a toda *carne*”, isto é, aos humanos e aos animais, e no v. 19 está: “E de cada ser vivo, de tudo o que é *carne*, farás entrar contigo na arca um casal de cada espécie”.

Assim, quando o Evangelho segundo João (1,14) diz que a Palavra, Sabedoria ou Verbo de Deus, se fez *carne*, diz que ele se tornou fraqueza ou pobreza humana.

“Ser *carne*” significa ser mortal, frágil, fraco, inerte. Assim, quando *carne* se opõe a espírito, *carne* é a fraqueza, a inércia, a condição pecadora e mortal, enquanto que espírito é força interior, é dinamismo, o ponto de encontro com Deus. Assim, lemos em Is 31,3 “O egípcio é homem e não deus, seus cavalos são *carne* e não espírito”. E no horto das Oliveiras Jesus diz aos discípulos: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação, pois o espírito está pronto, mas a *carne* é fraca” (Mt 26,41).

Nas Cartas de Paulo, especialmente em Gálatas e Romanos, *carne* é a tendência humana para o egoísmo, para o pecado. Assim é que, com justiça, a Bíblia Pastoral, nos textos de Paulo, freqüentemente traduz a palavra *carne* por “tendências egoístas”.

O sistema da Lei, como trilhos dos quais não se pode sair, sistema cheio de proibições, que só enxerga pecados por todos os lados, é *carne*, é carnal, só serve para satisfazer a *carne*, a vaidade humana (Cl 2,23). A fé, por outro lado, como adesão pessoal a Jesus como Messias, o compromisso radical com ele, que nunca nos deixa plenamente satisfeitos conosco mesmos, é espírito, é espiritual.

<sup>1</sup> Liga de Estudo Bíblicos, editada em 1989 pela Loyola, São Paulo.

*Carne* na Bíblia não é, então, em sentido figurado, simplesmente o apelo ou atração sexual como tantas vezes se imagina. É tudo que significa fraqueza e limitação humana e mesmo animal.

**CORPO:** Em toda a Bíblia hebraica a palavra só ocorre em 11 lugares, quase sempre com o sentido de cadáver. Mas em sua primeira ocorrência, em Gênesis 47,18 traz um significado sugestivo, corpo aí é a própria pessoa com a sua capacidade de trabalho. Os filhos de Jacó dizem a José: “Não temos outra coisa a oferecer a não ser nossos *corpos* e nossas terras”. Aí “nossos corpos” quer dizer as nossas pessoas, nós mesmos, *capazes de trabalhar como escravos*.

Esse sentido ajuda a confirmar uma leitura de 1Cor 13,3 que se torna cada vez mais aceita. A maioria das traduções até há pouco diziam: “Se eu entregasse o meu *corpo* para ser queimado, mas não tivesse amor”. Os manuscritos gregos mais antigos e de maior valor, no entanto, com a diferença de apenas uma letra, trazem outra versão, mais difícil de entender e, portanto, com maior probabilidade de ser original, que diz: “Se eu entregasse o meu *corpo* para me gloriar”, para contar vantagens ou para aumentar minha auto-estima, a gente diria hoje. Essa versão atualmente se considera a que traz com maior segurança aquilo que Paulo quis dizer: “Se, para me gloriar, eu entregasse o meu *corpo*”, ou seja, a minha pessoa, à escravidão, por exemplo, para dar liberdade a outro. “Entregar o próprio *corpo*” é também aqui, como no caso de Gn 47,18, entregar-se à escravidão.

Nos escritos de Paulo *corpo* significa o que é característico de cada ser. Ele diz que há *corpos* terrestres e *corpos* celestes, diferentes entre si. No ser humano, *corpo* é a pessoa, o indivíduo com suas características e capaz de agir e de se comunicar. Evidentemente para a gente agir e se comunicar tem de usar os sentidos e as forças físicas, a matéria e a estrutura de que somos feitos. Assim é que “nós somos o *corpo* de Cristo e membros uns dos outros” (1Cor 12,27). Em 1Cor 6,18 o pecado da relação sexual irresponsável envolve o *corpo* e compromete o próprio *corpo* de Cristo do qual somos membros.

Mas *corpo* não se reduz à idéia de matéria, é a pessoa, com suas características individuais em primeiro lugar, embora também material e limitada. Assim é que Paulo pode falar em “*corpo* espiritual” em 1Cor 15,44 por oposição a *corpo* simplesmente animado, quer dizer, com alma no sentido grego.

Paulo fala (Rm 6,6) em “*corpo* do pecado”, para se referir à condição pecadora do ser humano, o ser pecador. Em Rm 6,12 fala em “*corpo* mortal” referindo-se à condição mortal e frágil do ser ou da pessoa humana. “Quem me livrará deste *corpo* de morte?” em Rm 7,24 já significa quem me livrará da condição mortal ou mortífera do ser humano? Rm 8,23 diz que a plena dignidade de filhos de Deus vai libertar os nossos *corpos*, as nossas pessoas. E em Rm 12,1 manda que, como oferenda agradável a Deus, os cristãos ofereçam seus *corpos*. Não quis dizer seus cadáveres, mas as suas pessoas com as suas relações e sua capacidade de trabalho, suas atividades.

Quando em Mt 6,22 Jesus diz que o olho é a lâmpada do *corpo*, está querendo dizer a luz da pessoa, que se comunica e age. No capítulo 27,52 Mateus diz que muitos *corpos* que haviam morrido ressuscitaram. É evidente que está dizendo muitas pessoas. Em Jo 2,21 Jesus se referia ao Santuário do seu *corpo* que, ele disse, iria levantar em três dias. É claro que ele não quis dizer sua massa corporal simplesmente, mas a sua pessoa, capaz de se comunicar e de agir. É ele o novo Santuário, o lugar de se encontrar Deus.

E quando na Ceia, ao partir o pão aos discípulos para que cada um coma um pedaço, Jesus não diz que aquele pão é o seu cadáver, mas que é ele próprio (nosso velho catecismo informa, “em corpo, alma e divindade”) que “se parte pedaços” e se entrega em favor dos discípulos.

Apesar da influência da mentalidade grega, mesmo no Novo Testamento a palavra *corpo* não é simplesmente o elemento material do ser humano, mas é o seu todo, a sua pessoa que se comunica e age.

**ESPÍRITO:** A palavra hebraica geralmente traduzida por *espírito* é do gênero feminino e é a onomatopéia de um suspiro: *ru<sub>a</sub>h*, o último *h* fortemente aspirado e o *a* subscrito servindo apenas de apoio para se pronunciar o forte *h*. Significa, então, em primeiro lugar suspiro, sopro, depois força vital, hálito, vento, aragem, sopro vazio, mas também impulso, ânimo, disposição, dinamismo, força interior, a mente, mentalidade, criatividade, dom artístico. Corresponde ao grego *pneuma* e ao latino *spiritus*.

A variedade dos significados é tal, que os tradutores se vêem muitas vezes em dificuldade para escolher a expressão mais adequada para cada contexto. Assim é que em Gn 1,2 as traduções mais antigas diziam que “o *espírito* de Deus pairava sobre as águas”. Essa tradução fez imaginar que a Bíblia se referisse ao Espírito Santo já em sua segunda linha. As traduções mais modernas, porém, falam em um “vento divino”, “vento forte” ou “impetuoso”.

Em Gn 26,35 as mulheres de Esaú causaram “muitos aborrecimentos”, na tradução da CNBB. Literalmente, porém, foram causa de muitos “*espíritos*” (suspiros) para Isaac e Rebeca.

Os israelitas não escutam Moisés (Ex 6,9) por causa do *espírito* abatido, pela dureza da escravidão.

Em Ex 10,13 e 14,21 a palavra significa o vento que traz os gafanhotos (10,13) e o que empurra para trás as águas do mar vermelho (14,21). Já em 28,3 e 31,2 do mesmo livro, *espírito* é o dom artístico, a criatividade. Pouco adiante (35,21) o *espírito*, “ânimo”, na tradução da CNBB, impele os israelitas a trazer o necessário para a Tenda da Reunião.

Em Nm 11 várias vezes (vv. 17,25,26,29) é o *espírito* de profecia, a inspiração ou o dom para discernir as questões dentro da comunidade, mas no v. 31 já é o vento que traz codornizes para o acampamento israelita.

Em Is 11, *espírito* indica as qualidades ou dons do novo rei esperado: a sabedoria e compreensão de Salomão, a prudência e valentia de Davi e as que lhe serão mais características, o temor e o conhecimento do Senhor (a sensibilidade social).

No mesmo Isaias 17,13 é o vento que sopra as palhas do monte, como o redemoinho carrega o cisco. Mas em Is 19,14 *espírito* é uma bebida que embriaga.

Jeremias 5,13, criticando os falsos profetas diz que eles não passam de um *espírito*, isto é, de um sopro fraco e vazio.

Já Habacuc (2,19), criticando os ídolos, diz que aquelas imagens não têm *espírito* dentro delas, são inertes, não têm vida.

No Novo Testamento, mais ainda nos Evangelhos, a palavra *espírito* está ligada à idéia de uma força vinda de Deus, é o *Espírito* de Deus ou *Espírito* Santo.

Em Paulo, especialmente em Gálatas e Romanos, *espírito* está ligado à vivência da fé e se opõe a carne, ligada à ideologia da lei. A ideologia da lei condiciona a salvação à observância de tudo o que está determinado, é não sair do trilho, nem para a direita nem para a esquerda. Aí quanto mais se multiplicam as leis e regulamentos, melhor. O *espírito* é o oposto, reduz tudo a um único mandamento, a fé vivida no amor. “Onde há o *espírito* que é Jesus Cristo, aí há liberdade” (2Cor 3,17), onde não há o *espírito*, sem dúvida, os códigos, leis, regimentos, prescrições, proibições, decretos, normas e regulamentos se multiplicam.

Em Pentecostes os judeus celebram a aliança do Sinai, a doação da Lei. A manifestação do *Espírito* Santo nessa ocasião (At 2) nos diz que a Nova Lei é o *Espírito*. “Agora, portanto, já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, pois a lei do *espírito* em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte” (Rm 8,1-2).

Em Jo 6,63 *espírito* quer dizer o significado mais profundo, o figurado ou simbólico, das palavras evangélicas, enquanto “carne” é o entendimento literal, ao pé da letra, das mesmas palavras. Os judeus se perguntavam como é que ele haveria de dar a sua carne a comer e alguns discípulos achavam dura a idéia de engolir a seco a carne de Jesus. Ele responde que as suas palavras são “*espírito* e vida”, têm o sentido figurado, profundo e vital de “tragar” ou “engolir”<sup>2</sup>, entender e viver, assumir a doação e morte dele, e não, o significado literal e repugnante de engolir um pedaço da sua carne física, como eles estavam pensando.

*Espírito* na Bíblia não é, então, aquilo a que a filosofia grega reduziu a palavra, um ser sem matéria, mas é o interior mais profundo e dinâmico do ser humano, onde ele se encontra com o espírito, o sopro, a força de Deus.

**CORAÇÃO:** Na Bíblia *coração* é simplesmente o interior da pessoa. Não é o mesmo que “espírito”, porque espírito é a força interior, o interior da pessoa, enquanto dinâmico e aberto para Deus.

<sup>2</sup> A partir do v. 54 Jesus passa a usar o verbo *trogo* (tragar, engolir a seco) em vez de *fago* (alimentar-se de, comer).

*Coração*, além, é claro, de ser o órgão que bate no nosso peito, é o interior da pessoa como capacidade entender, guardar e organizar as idéias, é o que nós chamamos de “cabeça”, mente, pensamento, memória, consciência, e também de decisão, disposição, inclinação, tendência.

Assim a gente poderia muitas vezes substituir a palavra *coração* pela palavra “cabeça” usada no sentido de capacidade de entendimento, memória, pensamento, a mentalidade, as intenções e, também, a determinação.

Temos resquícios do sentido bíblico de *coração* na expressão “saber de *cor*” que vem da palavra latina *cor*, que quer dizer *coração*. O *coração* da Bíblia está também na palavra “*coragem*”, quem vem do significado de firmeza de vontade, determinação.

Assim, “ter no *coração*” pode significar ter na memória, ou também ter em mente, ter a intenção de, projetar. “Guardar no *coração*” é o mesmo que guardar de cor ou na memória. “Pôr no *coração*” é o mesmo que pôr na cabeça. “Dizer no seu *coração*” é dizer consigo mesmo, dizer no pensamento, pensar. “Subir ao *coração*” é vir em mente, vir ao pensamento ou à consciência. “*Coração* duro” é o mesmo que “cabeça dura”.

Dois sentidos da palavra *coração* aparecem no mesmo versículo 21 do capítulo 8 de Gênesis, depois do dilúvio: “O Senhor ... disse no seu *coração*: ‘Nunca mais... por serem más desde a infância as inclinações do *coração* humano’”. Em Jeremias 24,7 temos também duas vezes a palavra *coração* com significados diferentes: “A eles darei um *coração* capaz de me conhecer... porque eles se terão voltado para mim de todo o *coração*”. O primeiro “*coração*” é a cabeça boa para alcançar a afinidade com Deus (veja no vocabulário ideológico a palavra *conhecimento de Deus*), o segundo é mais a disposição, a determinação.

No Salmo 12 (11),3 o *coração* pode ser hipócrita. Já no salmo 13 (12), a tristeza (v. 3) e a alegria (v. 6) estão no *coração*. Já no 14 (13), 1 “O insensato pensa no seu *coração*”. No 15 (14), 2 só pode estar com Deus quem “fala a verdade no seu *coração*”.

Em Mt 5,8 “puros de *coração*” são os de intenções puras, limpas, retas. Já em Mt 9,4 os pensamentos estão no *coração*, não na cabeça como dizemos. Em 12,34 também a boca fala do que nos enche o “*coração*” e não a cabeça como hoje seria lógico dizer. A mesma coisa acontece nos versículos 19 e 20 do capítulo 15 do mesmo Evangelho. Já em Mc 11,23 a gente pode ter dúvida no *coração*, ou seria melhor dizer “na cabeça”? Em Lc 1,51 Maria guardava aqueles acontecimentos no seu *coração*, ou não seria “na sua memória”, na lembrança?

*Coração* na Bíblia não é, pois, a sede dos sentimentos, mas do conhecimento, da percepção, da memória, da consciência, da razão e da determinação da vontade.

**RINS, VÍSCERAS:** Se o homem da Bíblia pensa, sabe, lembra, reflete, decide com o coração, onde é que ele tem os seus sentimentos? - No ventre, nos *rins*, nas *vísceras*. Assim, quando no Apocalipse (2,23) Jesus diz que sonda os *rins* e o coração, quer dizer que examina os sentimentos (*rins*) e os pensamentos (*coração*) das pessoas.

Na Bíblia hebraica estão lado a lado *rins* e coração, sentimentos e pensamentos. Encontramos isso nos Salmos 7,10; 26 (25),2 e 73 (72),21. Em Jeremias 11,20; 12,2; 17,10 e 20,12 também encontramos sempre “*rins* e coração”, significando sentimentos e pensamentos, ou diríamos hoje “*coração* e cabeça”.

A compaixão, a misericórdia, a bondade estão sempre ligadas às *vísceras*. A palavra utilizada no hebraico para expressar bondade, significa “úteros”, é o plural de ventre materno. Essa palavra só nos Salmos ocorre mais de dez vezes para falar da bondade de Deus, “um Deus cheio de úteros”.

Assim, diferentemente de nós hoje, o homem da Bíblia tem os seus sentimentos não no coração, mas na barriga.

**SANGUE:** Para nós é apenas o líquido que corre nas veias. Poucas expressões, como “beber o *sangue*” ou “dar o *sangue*”, têm sentido figurado.

Na Bíblia há um respeito muito grande pelo *sangue*, porque no *sangue* está a respiração, a alma, a vida, *sangue* chega a ser sinônimo de vida. Daí, a extensão e amplitude do seu sentido figurado.

Se *sangue* pode ser sinônimo de vida, pode também ser sinônimo de morte. “Crime de *sangue*” é crime de morte, homicídio. “O *sangue* de Abel clama a Deus desde a terra”, quer dizer o assassinato de Abel, não simplesmente o líquido que corria em suas veias.

Ex 22,1; Js 20,3 e 5; 2Sm 3,27 e outros lugares falam em vingança de *sangue*, é o mesmo que vingança de um assassinato ou homicídio. Quando os espíões israelitas (Js 2,19) combinam com Raab que irão poupar todos os que estiverem dentro da sua casa, dizem que se alguém estiver fora, “seu *sangue* cairá sobre sua cabeça e nós seremos inocentes”, quer dizer, sua morte será responsabilidade deles, não nossa.

O livro de Isaías em Is 1,15 fala em “mãos sujas de *sangue*”. Não se trata evidentemente de uma sujeira física, mas moral, atitudes que prejudicam ou destroem a vida de outras pessoas. Não seriam “mãos sujas de morte”? Em 4,4 é a cidade que está suja de *sangue*, manchada de exploração, violência e assassinatos. Em 59,3 de novo se fala em mãos manchadas de *sangue*, o que é explicado no v. 7: “correm para derramar *sangue* inocente”, ou seja, para prejudicar, arruinar ou provocar a morte de pessoas de bem. Algo semelhante se encontra em Jr 19,4 e 22,17 e em vários outros lugares.

No Novo Testamento em Mateus 27,4 quando Judas vai devolver o dinheiro aos Sumos Sacerdotes diz “pequei, entregando um *sangue* inocente”. No v. 6, aquele dinheiro é “preço de *sangue*”. No v. 25, quando Pilatos lava as mãos e diz “sou inocente do *sangue* deste justo”, o povo responde “o *sangue* dele caia sobre nós e sobre nossos filhos”. Não estão falando do líquido que corre nas veias de Jesus, mas da sua morte. A palavra “*sangue*” poderia até ser substituída pela palavra “morte”.

E quando Jesus manda beber o seu *sangue*, não estará querendo dizer beber, ingerir, pôr para dentro de si e assimilar a sua morte humilhante, mas livremente assumida?

São Paulo alterna “*sangue*” e “morte” com a maior naturalidade. Em Rm 5,9 e 10 ele diz: “Muito mais agora que já estamos justificados pelo *sangue* de Cristo, seremos salvos da ira por ele.<sup>9</sup> Se, quando éramos inimigos de Deus, fomos reconciliados com ele pela *morte* do seu Filho, quanto mais agora, estando reconciliados, seremos salvos por sua vida”.

Não é necessário, então, fazer Jesus jorrar litros de *sangue*, como no filme de Mel Gibson. É a morte vergonhosa e livremente assumida de cruz, não o *sangue* como tal, que muda os rumos da história.

A essa luz podem-se esclarecer passagens que pareceriam complicadas. É o caso de Cl 1,20 que no grego está assim, literalmente: “pelo *sangue* da cruz dele”. É “dele” o *sangue* ou a cruz? Que eu saiba, cruz nunca teve sangue! O modo de falar semita, às vezes, deixa-nos confusos. Se dele é o *sangue*, que significaria “*sangue* dele de cruz”? Não precisa dizer que é *sangue* derramado na cruz, o que daria razão à alucinação sangrenta de Mel Gibson, que deixa na sombra o significado da, livremente assumida, humilhante morte de cruz, considerada uma maldição (Gl 3,13). Então, não bastaria dizer “pela sua morte de cruz”?

*Sangue* nos textos bíblicos e, por influência, em muitos textos litúrgicos também, não é simplesmente o líquido vermelho que corre em nossas veias, pode, muitas vezes, ser sinônimo de assassinato e morte, mesmo sem derramamento de sangue.

**HOMEM:** A língua hebraica tem duas palavras que traduzimos por homem, uma é *Adam*, que significa o ser humano como tal, homem ou mulher, e a outra é *Ish*, que significa o homem adulto, do sexo masculino, que, em português, corresponde a ‘varão’, palavra hoje pouco usada. Na linguagem corrente seria ‘senhor’.

No livro do Gênesis nem sempre é fácil distinguir quando a palavra *Adam* é nome próprio e quando é o ser humano simplesmente. Mesmo quando parece ser nome próprio, pode sempre ser entendida como o ser humano como tal.

Na tradição judaica o Adão primitivo era andrógino, homem e mulher ao mesmo tempo, e tinha cem côvados (cerca de 50 metros) de altura. Esse Adão era imagem e semelhança de Deus. Por ocasião do pecado foi que a mulher e o homem se separaram e, então, deixaram de ser imagem de Deus e perderam todos os privilégios, tornando-se seres humanos comuns como somos hoje.

Filho do homem, em primeiro lugar, é o mesmo que filho de Adão, ser humano. Assim temos, por exemplo, “homem” paralelo com *filho do homem* no v. 5 do Salmo 8 e em vários outros lugares. Muitas de nossas traduções interpretam simplesmente ‘ser humano’ ou ‘filho de Adão’.

No capítulo 7 de livro de Daniel (v. 13) uma figura de filho do homem (uma figura humana, então) vem entre as nuvens do céu e é levada à presença de Deus, de quem recebe a soberania, a glória e a realeza. Lendo um pouco mais (v. 18), fica claro que este *filho do homem* simboliza os “santos do Altíssimo”, o povo de Deus que derrota as feras que simbolizam os sucessivos impérios.

Mais próximo à época de Jesus, esse Filho do Homem passou a ser visto como o Messias que traz a salvação final, o Messias que vem nas nuvens do céu, como o Filho do Homem de Daniel, para fazer o julgamento final e recompensar os seus fiéis.

Nos Evangelhos Jesus se chama a si mesmo com o título de Filho do Homem. Algumas vezes fala explicitamente da figura do Messias final, o Filho do Homem que vem com as nuvens do céu.

Várias vezes os dois significados parecem se misturar. Jesus, o “Filho do Homem”, é o ser humano igual a nós, mas, ao mesmo tempo o Messias celeste esperado. Veja Mc 2,27-28: “O sábado foi feito para o homem, o Filho do Homem é senhor do sábado!”. Veja também Jo 9,35: “Crês no Filho do Homem? – Creio, Senhor!” Jesus é o Filho do Homem, é o ser humano mais perfeito e é o juiz da humanidade.

O *homem*, os *homens* são palavras freqüentes na Bíblia muitas vezes com um significado que vai além daquele que têm em português. A palavra *ish* tem como significado básico o ser humano do sexo masculino, adulto quase sempre, corresponde ao nosso praticamente fora de uso ‘varão’.

Mulher é *ishá*, o feminino de *ish*. Os tradutores se vêem em apuros em Gn 2,23: “ela será chamada *ishá* porque do *ish* foi tirada”. Encontramos ‘mulher’ porque tirada do ‘homem’, ‘humana’ do ‘humano’ e ‘varoa’ do ‘varão’. Qual seria a melhor solução?

*Ish*, significando o humano masculino e adulto, pode muito bem ser traduzido por ‘senhor’. Assim, fica muito melhor, por exemplo, em Is 5,3 ‘Senhor de Judá’ em vez de ‘*homem* de Judá’, pois está em paralelo com ‘cidadão de Jerusalém’ (cf. abaixo a palavra Habitante). Além do mais, o profeta está convocando justamente as pessoas mais responsáveis da cidade e do país.

Outras vezes, porém, a palavra *homem* está significando apenas um indivíduo, uma pessoa, indistintamente, talvez cada um, como consta desde João Ferreira de Almeida até as mais modernas traduções. Assim mesmo, João Ferreira de Almeida diz em Mt 8,9: ‘sou *homem* sob autoridade’, enquanto a Bíblia da CNBB diz apenas ‘sou um subalterno’.

Então, “pescadores de *homens*” não se refere somente a indivíduos masculinos adultos, mas a todas as pessoas. “A luz de vocês brilhe diante dos *homens*”, ‘diante dos outros’ ou ‘diante das pessoas’, “se vocês perdoarem aos *homens*”, ‘aos outros’, “Quem os *homens* dizem que eu sou”, ‘quem o povo, as pessoas ou os outros dizem’, entendemos com certa facilidade.

Outras vezes, com grande freqüência, ‘os *homens*’ está em oposição a Deus e, no caso, indica o ser humano com toda sua fragilidade e até futilidade. Isso está muito claro no Sermão da Montanha quando diz para não orar, não jejuar, não dar esmolas para ser visto pelos *homens*, mas apenas por Deus.

Assim, a palavra *homem* na Bíblia, além do entendimento comum de indivíduo adulto do sexo masculino, pode significar também o ser humano em geral, homem ou mulher, o ser humano frágil, por oposição a Deus, os outros ou alguém, cada, um por um. Filho do Homem, ao mesmo tempo é o Messias definitivo e é o ser humano comum.

**MÃO:** No sentido figurado empregamos a palavra *mão* com significado muito próximo ao significado encontrado na Bíblia como poder, força, autoridade, ajuda. Dizemos “está em tuas *mãos*”, “posso dar-lhe u’a *mão*?”, “Deram-me a *mão*”. A Bíblia talvez apenas utilize esse tipo de sentido figurado de maneira um pouco mais frequente que nós.

No sentido próprio, *mão* tem na Bíblia um significado mais extenso, podendo significar também punho, braço, antebraço.

Temos em Ex. 17,12-13 “Como as *mãos* de Moisés se tornassem pesadas... Aarão e Hur sustentavam-lhe as *mãos*”. É evidente que não se trata das *mãos* como tais, mas dos braços, que se cansavam. Jr 40,4 diz “Vou tirar as correntes de tua *mão*”. As correntes que prendem os escravos estão no punho e não nas mãos. Ct 5,14 fala em *mãos* torneadas. Só podem ser braços. Pr 24,33 diz que o preguiçoso cruza as *mãos* para descansar,

*Mãos* erguidas (eu diria “braços erguidos”) é sinal de oração, de pensamento voltado para Deus. Assim, o Salmista (Sl 28,2) diz que eleva as *mãos* para o “teu santo templo”, considerando que

Deus está lá no alto, no templo celeste. No Salmo 44,21, cultivar ou buscar outros deuses é “levantar as *mãos* para um deus estranho”. No Salmo 88,10 estender as *mãos* para Deus está em paralelo com chamar pelo Senhor.

Já erguer a *mão* (braço) direita é gesto de juramento. Em Gn 14,22 Abraão diz: “levanto minha *mão* direita para o Senhor e juro”. Já em Ex 6,8, em Dt 32,40 e e, Is 62,8 é o próprio Deus que levanta a mão para jurar. No Salmo 26,10 a mão do juramento está cheia de suborno ou corrupção e no 144, 8 e 11 a direita levantada jura falso.

*Mão* tem, portanto, na Bíblia significado mais extenso do que em nossas línguas. Pode ser também antebraço, braço e punho, além de, no sentido figurado, mais do que para nós, significar poder força, enquanto que a mão direita levantada significa juramento verdadeiro ou falso.

**Pé:** De maneira semelhante à palavra *mão*, *pé* tem na Bíblia um significado bem mais amplo do que no nosso falar comum. Significa também perna. Quando nós dizemos ‘pernas ligeiras’ a Bíblia diz *pés* ligeiros. Em vários lugares como Ez 1,7 é preferível traduzir pernas (B. de Jerusalém, CNBB) em vez de pés (João Ferreira de Almeida). Fica difícil imaginar também as mulheres de Mt 28,9 abraçando ‘os pés’ de Jesus!

Outras vezes a palavra *pé* está no lugar de passo. O v. 101 do longo Salmo 119 ‘tiro’ ou ‘desvio’ ‘os meus pés de todo mau caminho’ não ficaria melhor se disséssemos ‘desvio os meus passos’? E o conhecido v. 105 do mesmo Salmo não ficaria melhor se disséssemos “tua Palavra é luz para os meus passos” em vez de ‘meus pés’?

Significando passo, alguma vez *pé* vai significar ‘vez’. É tão claro o significado e difere tanto da idéia nossa de *pé*, que todas as traduções o interpretam corretamente.

“Aos *pés*” para nós dá a idéia de prostração, de pessoa caída ao chão, aos pés de alguém. Na Bíblia, frequentemente significa apenas ao lado, perto, junto de alguém. Assim é que o possesso (louco) de Lc 8,35 está em pleno juízo assentado ‘aos pés’ de Jesus e Maria, irmã de Lázaro, também se senta ‘aos pés’ de Jesus. Não estão sentados no chão, estão ao lado ou na proximidade, como ouvintes atentos. Os doentes em Mt 15,30 não eram colocados deitados aos *pés* de Jesus, mas simplesmente perto dele, nem, em At 4,34, vai se imaginar que punham o dinheiro no chão, aos *pés* dos Apóstolos.

Já “sob os *pés*” quer dizer derrotado, submisso. Era costume o vencedor obrigar o vencido prostrar-se no chão pra que ele colocasse os *pés* sobre seu pescoço. Inúmeras vezes se repetem no Novo Testamento as palavras do Salmo 110 (109) “até que eu ponha teus inimigos como escabelo dos teus *pés*”.

*Pés* pode também ser eufemismo para genitália ou órgãos sexuais. No misterioso episódio de Ex 4,24-26, Séfora, esposa de Moisés, circuncida seu filho e toca o prepúcio cortado do menino nos *pés* de Moisés. Em Is 7,20 Deus vai raspar a cabeça e os pêlos dos *pés* do povo. Em 6,2 o Profeta viu Serafins com seis asas, duas cobriam-lhes o rosto, duas serviam para voar e duas cobriam-lhes os *pés*.

Assim, na Bíblia a palavra *pé* ou *pés* quer dizer mais coisas do que no nosso falar comum. Pode ser também a perna toda, no sentido figurado pode ser o passo e a vez. Corresponde às vezes ao uso que fazemos da palavra ‘corpo’ como linguagem discreta para falar dos órgãos sexuais.

## 2.

# VOCABULÁRIO SOCIAL

*(as relações dentro dos grupamentos humanos)*

**SERVO:** A palavra soa para nós como fora de tempo e lugar. Parece um termo do passado e de um mundo diverso do nosso. Ou então tem apenas um caráter religioso, é quem serve a Deus ou é-lhe fiel e presta culto.

O termo tem vários sentidos e não podemos cair na tentação de sugerir traduzi-lo sempre por escravo. Algumas vezes é um ministro ou alto funcionário do governo, outras vezes é mesmo escravo, mas de uma escravidão diferente daquilo que foi a escravidão negra no Brasil. Em alguns aspectos talvez tivessem situação melhor do que muitas empregadas domésticas de hoje, em certas circunstâncias, poderiam ter situação inferior até à dos nossos escravos negros.



De qualquer forma, *servo* sempre indica uma situação de inferioridade, mesmo quando se refere ao ministro de um rei. A freqüência do uso do termo já denota uma sociedade de classes bem definidas: Uns são senhores, livres, donos de si, outros são *servos*, escravos, subalternos. Como a mesma palavra é utilizada para falar daquele que presta culto e procura cumprir a vontade de Deus, a distância entre *servo* e patrão chega a ser semelhante à que há entre Deus e o ser humano. Não importa se é um escravo na mais dura situação, ou um ministro com funções de relevância no governo, importa que ele é *servo*, é subalterno e deve ser fiel e obediente ao senhor.

Assim, no mesmo capítulo 5 do livro do Êxodo, quando se descreve a mais dura escravidão dos hebreus no Egito, várias vezes eles são chamados de *servos* do Faraó. No versículo 21, porém, *servos* do Faraó (a Bíblia da CNBB traduz aqui por “servidores”) são exatamente os ministros ou funcionários, executores da dura opressão sobre os hebreus. Já pouco adiante, no capítulo 7 todas as vezes que aparece a palavra (vv. 10, 20, 28 e 29) ela se refere aos ministros (assim, na tradução da CNBB) do Faraó.

*Servo* de Deus é aquele que cultua ou presta culto a Deus e é também quem lhe é inteiramente submisso e cumpridor exato de sua vontade. O *Servo do Senhor* dos 4 poemas ou cânticos do livro de Isaías (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12) é alguém que, para realizar o projeto do Senhor (53,10), deixa-se esmagar pelo sofrimento, não respondendo à violência com outra violência, atento para não oprimir o mais fraco (42,3). Ele vence a violência e a opressão mantendo-se coerente e firme, mesmo sendo vítima da opressão. Ao final (53,1-9) os opressores reconhecem que ele estava certo e eram eles os pecadores, os que mereciam aqueles sofrimentos. Assim, ele serve ao Senhor, não só preservando a unidade de seu povo, mas tornando-se também luz para todas as nações (42,4; 49,6).

No Novo Testamento temos a palavra *doulos*, que significa *servo* ou escravo. Quando Paulo se diz *servo* ou escravo (*doulos*) de Jesus Cristo, não está se atribuindo a posição de um alto cargo como ministro de algum governo, mas fala da sua humilde fidelidade, apego e compromisso total com o messias Jesus, mesmo que isso venha a exigir o rompimento com sua origem farisaica e lhe possa criar os maiores problemas. “Se quisesse agradar aos homens eu não seria *servo* (*doulos*) de Jesus Cristo” (Gl 1,10). Assim é que, na prisão por causa do Evangelho, ele se apresenta aos filipenses (Fl 1,1) como *servo* ou escravo (*doulos*) do messias Jesus. Aos romanos (Rm 1,1) também ele se apresenta como *servo* do messias Jesus, escolhido como apóstolo, separado para a Boa Notícia.

*Servo*, então, não é simples sinônimo de escravo. Indica submissão e fidelidade, mas pode qualificar tanto um ministro ou alto funcionário do governo como o mais humilde e desprezado escravo.

**ESTRANGEIRO:** A palavra hebraica *gher* é quase sempre traduzida por *estrangeiro*. Hoje e em nosso contexto social a palavra *estrangeiro*, por si mesma, não lembra alguém de condição social inferior. Frequentemente, muito pelo contrário.

Na Bíblia, no entanto, o *estrangeiro* é alguém que não tem qualquer direito naquele lugar, é um marginalizado, um excluído. Frequentemente é colocado ao lado do filho da escrava, ou seja, o escravo nascido em casa e outros trabalhadores de condição inferior, mas que devem ter direito ao descanso (Ex 23,12). É sempre citado ao lado dos mais pobres, como o levita, o órfão e a viúva (Dt 16,11.14). Não deve ser oprimido ou explorado (Ex 22,20 e 23,9) porque o hebreu também foi *estrangeiro* no Egito.

Talvez, então, seria melhor interpretar como “migrante”, que vive situação parecida, é estranho, desconhecido, não tem voz, direito ou participação no lugar, ameaça tomar o emprego dos trabalhadores locais e costuma ser explorado pelos empregadores.

A legislação do Primeiro Testamento, além das passagens já citadas, que mandam dar descanso e não oprimir ou explorar o trabalho dos migrantes ou “*estrangeiros*” (Dt 24,14), não só diz para não maltratá-los, mas que se deverá amá-los como a si mesmo (Lv 19,33-34 e Dt 10,19). Nas colheitas, a cata ou rebusca deverá ficar para o migrante ou *estrangeiro* e outros pobres (Lv 23,22). Se não tiver como viver, deverá ser sustentado pelo morador do lugar como se fosse um irmão (Lv 25,35).

O proprietário de terras é para Deus como se fosse um migrante ou *estrangeiro*, não é proprietário. Deus é o verdadeiro proprietário, aquele que se diz proprietário é só um migrante, um trabalhador temporário naquela terra (Lv 25,23).

Do Novo ou Segundo Testamento lembramos o capítulo 25 de Mateus onde o *estrangeiro* ou migrante é um daqueles pobres que, ajudados ou não, vão decidir a sorte final das pessoas. E lembramos também a Primeira de Pedro, carta dirigida a cristãos migrantes e que viviam a situação social mais inferior. Toda a carta, ao mesmo tempo em que orienta quem já vive em condição de inferioridade para que não dê motivos para maior opressão, anima também esses cristãos migrantes, dizendo que eles, que não parecem ter qualquer valor naquele lugar, são gente santa, raça escolhida, reino de sacerdotes. A comunidade cristã é a verdadeira casa de quem não tem casa, é onde quem não é cidadão começa a exercer sua cidadania.

Estrangeiro na Bíblia, então, mais do que indicação de uma origem externa, é categoria social, indica o indivíduo sem direitos de cidadania e sujeito a todo tipo de exclusão social.

**HABITANTE:** É o oposto do “estrangeiro”. É o morador do lugar, o cidadão de plenos direitos. *Morador* e *habitante* são as palavras que se alternam na maioria de nossas traduções. Embora algumas vezes se trate simplesmente de *morador* ou *habitante* sem outra conotação, com maior frequência, porém, a palavra quer dizer aquele que tem os direitos de cidadania no lugar por oposição a “migrante” ou “estrangeiro”. Penso que, nesses casos, seria melhor interpretar a palavra grega ou hebraica correspondente por “cidadão” em vez de *habitante* ou *morador*.

Em Gn 34,30 e 50,11 os cananeus e fereseus são os *habitantes*, *moradores*, portanto, cidadãos daquela terra, são os senhores do país onde Jacó e seus filhos são “estrangeiros” ou migrantes. A Bíblia da CNBB em Is 5,3, onde outras traduções dizem “*habitante* de Jerusalém e homem de Judá”, mais apropriadamente traz “cidadão de Jerusalém e senhor de Judá”. O mesmo faz em Is 8,14, no mesmo Isaías em 9,8, em 22,21 e em vários outros lugares.

No livro do Apocalipse essa palavra é freqüente. Se, onde ocorre, em vez de *habitantes*, se interpretar “cidadãos”, fica mais claro que aquilo se refere só aos cidadãos, aos plenamente integrados no Império Romano, e não a todas as pessoas, aos pobres e muito menos aos cristãos. E fica entendido também que os cristãos não eram cidadãos e não se consideravam tais.

Assim, em 3,10 não são os cristãos que devem ser postos à prova, são os cidadãos do Império, aqueles que se sentem em casa, que se dão bem no Império. Em 6,10 os cidadãos do Império é que estão matando e fazendo sofrer os cristãos. As três grandes ameaças de 8,13 não são contra todos os *habitantes*, inclusive os cristãos, pesam apenas contra os cidadãos do Império. Nem são todos os *moradores* que, em 11,10, festejam a morte das duas testemunhas, são apenas os cidadãos do Império. Em 13,8.12.14 os que são seduzidos e adoram a imagem da fera são apenas os cidadãos do Império, os cristãos evidentemente estão fora disso. E 17,2 e 8 também se referem somente aos cidadãos do Império.

A palavra hebraica e a palavra grega normalmente traduzida *habitante* ou *morador* significa bem mais do que isso. Significa “cidadão”, o indivíduo de plenos direitos civis, com força e autoridade no lugar.

**VIÚVA E ÓRFÃO:** Citados freqüentemente com o “estrangeiro” ou o migrante, são as figuras típicas do pobre sem proteção. Isso se deve, sem dúvida, à situação de inferioridade social da mulher sem marido e da criança sem pai. Algumas vezes também o “levita”, ministro do culto oriundo da tribo de Levi, que não possuía propriedades, é citado junto com a *viúva* e o *órfão*.

No livro do Deuteronômio lemos em 10,18: “O SENHOR faz justiça ao *órfão* e à *viúva*, ama o estrangeiro e lhe dá alimento e roupa”. Em 14,29: “E vindo o levita – que não tem parte na herança como tu -, o estrangeiro, o *órfão* e a *viúva*...”. No capítulo 24, 17: “Não leses o direito do estrangeiro nem do *órfão*, nem tomes como penhor as roupas da *viúva*”. 19: “Se ao fazer a colheita em teu campo, esqueceres um feixe de trigo, ... deixa-o para o estrangeiro, o *órfão* e a *viúva*”.

Assim viúva e órfão na Bíblia não são apenas a mulher que perdeu o marido ou a criança que perdeu os pais. É a classe social dos mais pobres e desprotegidos.

**TRIBULAÇÃO:** A palavra geralmente traduzida por *tribulação*, seja no Primeiro seja no segundo Testamento significa pressão, aperto, opressão, angústia. Retrata bem (Ex 3,9) a situação dos hebreus

no Egito, eram pressionados, oprimidos, para que os egípcios tirassem deles o melhor proveito, sem que eles tivessem condições de reagir (Ex 1,8-14).

O que pressiona é mais forte, o que é pressionado é mais fraco e não lhe resta recurso a não ser pedir socorro, clamar. Como em Dt 26,7 que faz eco a Ex 3,9, a palavra opressão ou *tribulação* está ligada a ‘clamor’ e a Deus que vê a miséria, o sofrimento e a opressão do povo e desce para libertá-lo. Está, pois, na origem da confiança em Javé, o deus dos fracos, mas Deus libertador, Deus histórico. Está na origem da fé do povo da aliança, que nos deu o Primeiro Testamento. Está na origem da nossa fé no Salvador crucificado.

No Segundo Testamento a palavra ocorre com frequência, especialmente nas cartas de Paulo. No Evangelho de João (16,21) uma frase define bem o valor da pressão, do aperto, da *tribulação* na vida cristã. Jesus compara a situação dos seus discípulos com a da mulher que dá à luz. Depois que a criança nasceu, ela nem se lembra mais dos apertos que passou, por causa da alegria de ter posto mais uma vida no mundo.

Na primeira de suas cartas (1Ts) Paulo diz estar convicto de que Deus escolheu os tessalonicenses, na grande maioria trabalhadores braçais, porque eles acolheram o Evangelho no meio de muita opressão, mas cheios da alegria que vem do Espírito Santo (1,6). A alegria de acolher a Palavra, resistindo à oposição externa só pode ser coisa de Deus, pois é seguir os passos de Jesus, como Paulo diz. Isso não é estranho à fé no Messias Jesus, ao contrário, ele já havia prevenido que sofreriam muitas *tribulações* (3,4).

*Tribulação* traduz, então, palavras hebraicas que querem dizer aperto, pressão, opressão, exploração. O clamor do povo oprimido e a experiência do socorro de seu Deus Javé originaram a fé do povo da Primeira Aliança, raiz da nossa. No Segundo Testamento vamos aprender que o fiel é sempre oprimido, ele não se dá bem com este mundo, que lhe provoca muitas *tribulações*.

**ÍMPIO:** Não costumamos empregar essa palavra no nosso linguajar cotidiano, por isso ela nada nos lembra, senão alguma coisa fora da nossa realidade e um tanto nebulosa. Mas a palavra é freqüente nas nossas Bíblias, certamente por influência das antigas traduções grega e latina que interpretaram a palavra hebraica como ‘sem religião’, ‘sem piedade’, *ímpio*.

Basta ler com atenção o Salmo 10 (9B) para se saber quem é esse *ímpio*. A Bíblia Pastoral traz injusto em vez de *ímpio*. Leio na Bíblia da CNBB (2ª Ed): com soberba ele oprime o pobre, gloria-se da “cupidez de sua alma”, ou seja, da sua cobiça. Para ele Deus não existe ou nem nota o que ele faz. “Seus olhos espiam o infeliz”, arma o bote na surdina, fica de tocaia para atacar o fraco, para agarrá-lo e prender na sua rede.

O Salmo 37 (36) também descreve quem é o ímpio: é o oposto do humilde (v.10 e 11), trama contra o justo, têm fartura, que não vale o pouco que o justo tem, toma emprestado e não paga, e muito mais, que o leitor mesmo poderá verificar, lendo todo o Salmo.

Assim *ímpio* não é um conceito vago e de pouco sentido, é o opressor dos pobres, o explorador dos pequenos, e que ainda conta vantagens da sua maldade e ganância, desprezando totalmente a Lei de Deus.

**MANSO:** A palavra hebraica (*anaw*) que, na maioria das vezes, João Ferreira de Almeida traduz por *manso* tem originalmente dois sentidos aproximados, mas diferentes. Corresponde bem à nossa palavra humilde que, como condição social, quer dizer pobre, sem expressão, rebaixado, oprimido, enquanto que, como índole, qualidade ou maneira de ser da pessoa, é ser modesto, simples, sem grandes exigências e sem altas pretensões.

O sentido da situação social é o mais freqüente na Bíblia. Assim, traduzindo *anaw* quase sempre por *manso*, JFA acaba deformando a palavra e esvaziando-lhe o significado social. É claro que quem é *manso* é também humilde, tem a virtude da humildade. A palavra *manso*, entretanto, além de humildade, fala de doçura, calma, tranqüilidade, e também de submissão, docilidade, o que foge do sentido bíblico da palavra.

A antiga tradução grega dos Setenta sábios traz com mais frequência uma palavra que significa carente ou indigente, algumas vezes traduz *anaw* por palavra que corresponde a pequeno ou humilde e duas vezes, por pobre, mas nos Salmos, a partir do Sl 24 (25) adota a palavra grega que significa doce, *manso*.

Foi assim que a palavra *manso* entrou no Salmo 37 (36),<sup>11</sup> “os *mansos* herdarão<sup>3</sup> a terra” e, dessa forma, passou para as Bem-aventuranças do Evangelho segundo Mateus. O Salmo, porém, não está falando dos que têm a virtude pessoal da doçura ou da mansidão – veja bem seu contexto – fala da situação social. Assim, “os indigentes serão senhores da terra” corresponderia melhor ao verdadeiro sentido bíblico da frase.

O Salmo 37 (36) promete uma inversão de lugares. Por enquanto, os ímpios, os injustos, malvados ignoram a Lei de Deus e progridem aproveitando-se dos humildes, os pobres, que são também os justos e de coração reto. Deus, porém, está do lado da vítima, do pobre, do humilde, e vai mudar essa situação, de modo que aquele que é carente, indigente, sem expressão, será dono e senhor da terra.

Assim, lendo ou ouvindo *manso* devemos pensar em humilde, especialmente no sentido social.

**REDENTOR:** A maioria das Bíblias traduz a palavra hebraica *Go'el* por *redentor*. A Bíblia da Editora Vozes escolheu a palavra “fiador”, enquanto outras traduções preferem dizer “libertador”. Em cada caso, pode-se dizer, caberia melhor uma ou outra dessas palavras.

De que se trata? A palavra “fiador” cabe bem em muitos casos. O fundamental é que há uma lei de solidariedade dentro do povo de Deus, uns são fiadores dos outros, uns são responsáveis pelo respeito e pela dignidade dos outros. Essa lei da solidariedade é o grande valor a ser colhido nesse contexto cultural bem diverso do nosso.

Em várias passagens trata-se de um “vingador do sangue”, ou seja, o responsável pela vingança do assassinato do companheiro. Havia critérios para se saber quem era o “fiador” da vida de quem. O fato é que ele não poderia ter sossego enquanto não matasse o assassino do irmão de quem era “fiador”. Essa figura do *redentor* ou “fiador” aparece em Nm 35,12. 19. 21. 24. 25; em Dt 19,12; em Js 20,5. 3 e 9 e em vários outros lugares.

Havia outra situação em que deveria entrar em ação o *redentor* ou “fiador” era a de um irmão que perdeu a sua propriedade e/ou foi reduzido à escravidão. O capítulo 25 de livro do Levítico trata dessa questão. Havia uma ordem de parentesco que determinava quem seria o “fiador”, *redentor* ou “libertador” daquele que perdeu a propriedade e a liberdade. A herança, além disso, devia permanecer no seio da família.

Havia também a lei do “levirato”, ou seja, da cunhada. Era motivada pela condição de enorme inferioridade da mulher, a quem tencionava proteger. Se o marido morresse sem deixar filho, o seu irmão devia casar-se com a cunhada viúva para lhe dar um filho com o nome e a herança do primeiro marido. Era o “libertador” ou “redentor” daquela viúva sem filho. Mulher sem marido ou sem filho, vivia uma situação praticamente insustentável.

O livro de Rute junta numa só as duas leis, a do fiador da propriedade e a do levirato. Aí o “fiador” ou *redentor* era o cunhado ou o parente mais próximo do falecido, responsável por resgatar a propriedade, casando-se com a viúva para, assim, lhe garantir a sobrevivência e a dignidade.

Nos profetas, o SENHOR é chamado de “fiador”, *redentor* ou “libertador” de Israel, pois é ele quem lhe dá liberdade, propriedade, dignidade e proteção, tornando-se o esposo do povo.

A palavra em geral traduzida por *redentor* tem, pois, muitos significados e é preciso ver sempre qual cabe melhor em cada contexto. Quando se refere a Deus, quase sempre inclui todos os significados em um só. Deus pode ser tudo o que a palavra diz.

**PAZ:** A palavra *shalom* do hebraico, que é sempre traduzida por *paz*, significa primeiramente plenitude, integridade, tudo de bom, passar bem, saúde, felicidade, tranqüilidade. Com o significado evidente de justiça, bem estar coletivo, prosperidade lemos no Salmo 72,3 “As montanhas trazem a *paz* ao povo e as colinas lhe trazem justiça”. E, complementando, no mesmo Salmo, o versículo 16 diz: “No país haverá fartura de trigo, ondulando...”.

Estar em *paz* é estar alegre, realizado, tranqüilo, são e salvo. Dar a *paz* significa cumprimentar ou despedir-se, pois é com essa palavra que os hebreus se saúdam. Assim, na Bíblia, a palavra *paz*

---

<sup>3</sup> Veja adiante a palavra HERANÇA.

significa bem mais do que significa para nós hoje, que pensamos muitas vezes apenas na nossa própria tranquilidade, ou ausência de perturbação ou incômodo.

Shalom não é coisa pessoal, é coletiva, é plena, é total. Se alguém está sofrendo, shalom ainda não existe. Não é só ausência de perturbação externa, é passar bem, é alegria, realização pessoal, tranquilidade para todos.

### 3.

## VOCABULÁRIO ECONÔMICO

*(as relações de produção e de trocas)*

**TERRA:** Na Bíblia hebraica há duas palavras para falar de *terra*. Uma é *adamah* que significa o chão, o solo, a *terra* como matéria. *Adamah* é o feminino de Adam, o ser humano, que dela foi feito. Normalmente é a palavra escolhida para indicar também a *terra* como propriedade.

A outra, *érec*, indica mais a pátria, a região, o país, mas pode indicar também o mundo todo, como para nós também *terra* pode indicar tanto a pátria, o lugar onde a gente nasceu, como o globo terrestre. Na Bíblia, ainda mais, lembra também a *terra* prometida.

É o caso, por exemplo, da primeira história da criação, capítulo 1 de Gênesis. Foi escrito quando o povo estava no cativeiro e sonhando voltar para “a *terra* deliciosa”, então transformada num deserto (Zc 7,14). No Gênesis, então, a ordem de Deus para ocupar e dominar a *terra* crescer e multiplicar lembra o sonho daquele povo de voltar para a sua *Terra Prometida*, apossar-se novamente dela e tornar a povoá-la, enchê-la de gente como nos bons tempos.

A *terra* era o meio de produção. Sem *terra* era impossível viver. Por isso ela tem no Primeiro Testamento tão grande importância. A invasão ou ocupação da *terra* nos livros de Josué e dos Juízes é ao mesmo tempo uma luta, uma conquista, e também um dom de Deus.

A exploração da *terra* é coletiva, ela pertence à tribo, à grande família. Quando se torna propriedade particular, alguns acabam perdendo sua *terra* para outros mais habilidosos, e, sem *terra*, tornam-se escravos. O ano do jubileu, a cada 50 anos, significava o fim da escravidão com a volta de cada um para a sua *terra*. Isso está bem descrito no capítulo 25 do Levítico.

Por tudo isso, pela grande importância que tem a terra para a vida das pessoas, não é de admirar que seja ela uma das palavras mais freqüentes em toda a Bíblia. E ela continua sendo uma realidade pela qual se luta e um sonho que se espera ver realizado.

**HERANÇA:** Frequentemente essa palavra está ligada à palavra sorte ou parte adquirida por sorteio, como em Nm 36,3; Js 15,1 e Is 57,6. O capítulo 36 de Números trata especificamente da *herança* da mulher, preocupado com a possibilidade de ela se casar fora da tribo e, assim, levar sua *herança*, sua propriedade de terra, diminuindo a *herança* que coube por sorte para a tribo de seu pai.

Especialmente nos livros de Números e de Josué, herdar significa apossar-se, tomar posse da terra que era de outros, suceder como proprietário. Isso aparece também em Ex 23,30. Assim, a *herança* do povo é a Terra Prometida e o pensamento da “Terra Deliciosa”, dom de Deus e conquista do povo, está sempre presente junto à palavra “*herança*” nos textos da Bíblia.

Em outros lugares o povo é a *herança* do SENHOR. Assim em Ex 34,9 Moisés pede ao SENHOR que renove a sua Aliança e assumo o fato de o povo ser a sua *herança*, a sua propriedade, continuando a caminhar com ele.

Já em muitos outros lugares da Bíblia a palavra “*herança*” acabou significando simplesmente “propriedade de” ou ao mero adjetivo possessivo. “A tribo de sua *herança*” significa, então, apenas a tribo que lhe pertence ou, mais simplesmente, a sua tribo.

Assim, herança não significa apenas sucessão na propriedade dos bens que eram dos pais. Indica mais o direito de propriedade, a posse. Deus tem herança. Nós somos a herança de Deus, a sua propriedade querida.

**CIDADE:** Pode significar desde um pequeno povoado ou aldeia até uma grande metrópole. No Primeiro Testamento em geral é o aglomerado de casas cercado por muralhas. Opõe-se ao “campo”, descampado ou zona rural.

A luta dos moradores da zona rural, ou “das montanhas”, contra os dominadores da *cidade*, que os exploravam, pode estar na origem do povo da Bíblia. Os “cananeus” eram os cidadãos, as pessoas do “comércio”<sup>4</sup>, já que a palavra “caná” ou “qaná” significa exatamente adquirir, comprar, negociar. E foi na luta contra eles que os hebreus, ou “escravos rebeldes”, se estabeleceram no país de Canaã.

Muitas estórias da Bíblia trazem uma crítica velada à *cidade*, à cultura urbana. Assim o desaprovado por Deus, Caim, é fundador de *cidade* e antepassado dos ferreiros, a indústria, dos músicos, o entretenimento, e das prostitutas.

A torre de Babel significa também uma condenação da cultura urbana orgulhosa, que se quer igualar com Deus. O resultado é a confusão das línguas, um mundo onde ninguém mais entende ninguém.

Na época do Novo Testamento as grandes *cidades* do Império como Corinto, Antioquia, Éfeso, Tessalônica, Filipos, eram instrumento de dominação sobre os moradores e trabalhadores da zona rural. A economia era sustentada pelo campo, mas a *cidade* o dominava e tudo carregava para Roma. Roma no Apocalipse é a grande *cidade*, mas é também a grande prostituta, a mãe de todas as prostitutas da terra (Ap 17). “Com ela se prostituíram os reis da terra e os comerciantes da terra se enriqueceram com seu luxo desenfreado” (Ap 18,3b).

A palavra *cidade* na Bíblia, assim, não deixa de ter sempre um lado negativo tanto do ponto de vista social como religioso.

## 4. VOCABULÁRIO POLÍTICO (as relações de poder)

**PAI:** Na Bíblia, pai é muito mais do que aquele que gerou. Além de significar também o avô, o antepassado, o ancestral, o iniciador de um ofício ou profissão (Gn 4,20-21), o chefe ou mestre de um grupo como os movimentos proféticos da época de Elias e Eliseu, *pai* é acima de tudo a autoridade, o chefe de família, o patriarca, o líder da tribo, clã ou comunidade familiar. Frequentemente os *pais* ou chefes de famílias ou “casa paternas” se confundem com anciãos, dirigentes ou conselheiros.

A autoridade dos *pais* significa uma estrutura de poder ou sistema político baseado nos pequenos grupos ou grupos familiares: a “casa paterna”, o clã, a tribo. Anciãos, presbíteros ou episcopos (Fl 1,1) são termos praticamente sinônimos de “*pais*” ou “chefes de família”. O sistema parece ter prevalecido nos primeiros tempos de Israel, que era, então, o reino ou reinado de Deus. Depois veio a monarquia, fortemente criticada em 1Sm 8, como abandono do SENHOR ou Javé como único rei do povo.

No tempo do Novo Testamento, no sistema político do império romano, o pai da pátria era o imperador e, abaixo dele, num modelo piramidal ia descendo uma série de pais ou patronos e, logicamente clientes ou dependentes. No Novo Testamento Pai é Deus, Senhor é Jesus Cristo e nós não somos clientes ou dependentes uns dos outros, mas irmãos, num relacionamento horizontal.

Assim *pai* não significa sempre apenas o progenitor, aquele que gerou, mas é mais a autoridade na família e da família como tal, lembra o sistema político baseado nas lideranças das grandes famílias, clãs ou tribos, o verdadeiro reinado de Deus.

**ANCIÃO:** A palavra hebraica traduzida regularmente por *ancião* ou *presbítero* significa em primeiro lugar “barbado”. É a pessoa adulta do sexo masculino. A palavra grega *presbítero* já significa “mais idoso”.

<sup>4</sup> Ainda hoje em alguns lugares pessoas da zona rural chamam a cidade apenas de “o comércio”.

Era a experiência dos idosos que devia dirigir o povo, eles é que melhor conheciam os costumes e tradições e eram a memória viva do grupo. Coincide basicamente com o termo PAI de que já falamos.

No Primeiro Testamento aparecem sempre ao lado dos pais ou chefes de família. Numa sociedade prevalentemente machista e patriarcal eram sempre homens adultos, barbados. Mas o Livro dos Juizes, que coleciona episódios do período em que não havia rei, governo central, mas apenas as lideranças familiares, os pais, *anciãos* ou juizes, contempla também mulheres como Débora e Jael que lideraram e lutaram não só pela sua tribo, mas pelo povo todo.

O livro de Rute parece dizer exatamente que o povo que voltava do exílio deveria se reorganizar de acordo com o antigo sistema dos *anciãos* ou chefes de família. O problema das duas viúvas pobres que voltam do estrangeiro é cabalmente resolvido de acordo com as antigas tradições e a decisão final é dos *anciãos* da aldeia, reunidos na praça defronte o portão da cidade.

No Novo ou Segundo Testamento pode-se observar que as igrejas ou comunidades cristãs primitivas adotaram esse sistema de governo colegiado. Segundo os Atos dos Apóstolos, a primeira comunidade era dirigida por Pedro e os onze. Mais tarde, segundo os mesmo Atos, Paulo designava *presbíteros* para cada comunidade que fundara e os encomendava ao Senhor.

O próprio Paulo fala de episcopos, bispos ou supervisores na comunidade de Filipos. Esses “bispos” (no plural), na cultura grega, correspondem aos *anciãos* ou *presbíteros* dos judeus.

*Ancião* ou *presbítero* não é, pois, o velho ou idoso. É o adulto, membro da coordenação colegiada ou governo coletivo.

**CASA:** Entende-se normalmente pela palavra uma unidade residencial particular. Na Bíblia o significado é mais amplo, pode ser um palácio, uma choça, uma prisão, um templo, uma construção qualquer, ou qualquer lugar apropriado para tal ou qual coisa. Para um povo que era nômade, vivia em tendas casa significa a estabilidade, a sedentarização e se opõe a tenda, moradia que se transporta de um lugar para outro.

Com muita freqüência, *casa* é principalmente a família, seja ela a nuclear e atual, sejam também os ancestrais, seja o clã, a tribo e até mesmo a nação, como *casa* de Israel, *casa* de Judá, *casa* de José. As diversas “*casas*” formam a nação, que se governa pelos “cabeças” ou lideranças de cada *casa*, os chefes de família, pais ou *anciãos*.

Depois da monarquia, nas expressões a “*casa* de Davi” ou a “*casa* de Jehú”, *casa* significa também a dinastia ou sucessão familiar no poder. Quando, no capítulo 7 do Segundo Livro de Samuel, Davi pensa em construir uma *casa*, um templo, para o SENHOR, a resposta que Natã lhe traz é esta: O SENHOR é que vai lhe construir uma *casa*, um poder hereditário, uma dinastia.

*Casa* não é, portanto, só a residência privada de alguém, significa também outras construções ou locais e, principalmente, a família como fonte e origem do poder.

**PORTA:** Evidentemente, como para nós, significa a entrada, o acesso a qualquer lugar. Muitas vezes refere-se ao portão das cidades cercadas de muralhas. Em frente a esse portão ficava uma pequena praça. Pode significar, então, uma praça pública. Aí se reuniam os *anciãos*, pais ou chefes de família, para decidir as questões da cidade ou aldeia. *Porta*, então, pode significar o poder judiciário, o próprio fórum ou tribunal.

Em muitas passagens onde ocorre a palavra com esses significados, as traduções mais modernas já a traduzem por tribunal ou por praça, conforme o contexto. Assim faz a Bíblia da CNBB em Pr 24,7 e 31,23.31.

Junto a essa *porta* ou portão ficava também o quartel, ou aí se reuniam os soldados ou os combatentes. *Porta* é, nesse caso, símbolo do poder militar, da força de guerra. Assim quando, no Evangelho segundo Mateus (16,18), Jesus diz a Pedro que as *portas* do inferno não vencerão sua Igreja, significa que as forças de guerra ou os ataques da morte (veja adiante a palavra *Inferno*) não conseguirão derrotá-la.

*Porta* não é, então, apenas a entrada ou acesso ou a folha de madeira ou outro material que permite ou impede a passagem. É a praça pública, é onde se reúnem os soldados, é onde se debatem e se julgam as questões, é lugar e símbolo, portanto, da convivência, da vida pública, do poder judiciário, do poder militar.

**REI:** Era em princípio o comandante supremo do exército. É também o governante, o dirigente maior e oficial da nação. Em vários livros da Bíblia se combate a idéia de o povo de Deus ter um *rei*, seu único *rei* é o SENHOR, é Deus. Quando Deus é *rei*, o poder está nas mãos das tribos, das comunidades familiares que seguem os mandamentos, a constituição do povo de Deus. O capítulo 8 de 1Sm reflete bem a rejeição da idéia de se ter, como as outras nações, um *rei*, um governante único e absoluto que não seja Deus.

Salmos como 47 (46) e 68 (67) descrevem bem como Deus é *rei*. Depois que entrou a monarquia e o poder absoluto do *rei*, Davi tornou-se modelo de todos os *reis* e os textos passam a falar em uma aliança de Deus, não com o povo todo, mas com Davi, com a monarquia. O Salmo 89 (88) fala da aliança de Deus com Davi, já o Salmo 72 (71), partindo dessa aliança, fala de um *rei* que se guia verdadeiramente pela lei de Deus.

A palavra nos lembra, então, tanto o sonho do reinado de Deus quanto a realidade dos governos humanos.

**MESSIAS:** É uma palavra hebraica, traduzida em grego por *cristo*, e que significa *ungido*, ou, mais precisamente, *rei unguido*. Os reis do povo de Deus eram todos ungidos. Depois de muitos fracassos e insucessos, especialmente depois do exílio, surgiu a esperança de um novo *ungido*, um rei que salvasse o povo realmente.

Segundo o livro do Levítico os sacerdotes também devem ser *ungidos*. Em Is 61,1-2 o *ungido* é um profeta que vai levar a boa notícia para os pobres, proclamando um novo jubileu. Quando, em Nazaré, na sua pregação inaugural e programática (Lc 4,16-21), Jesus aplica a si mesmo essas palavras de Is 61, ele está se apresentando como o profeta *ungido* que vem cobrar a liberdade para os escravizados, o perdão das dívidas e nova partilha das terras.

Para os judeus o *Messias* seria o *rei unguido*, o filho de Davi, para os samaritanos viria também um enviado de Deus, não um filho de Davi, que eles rejeitavam, evidentemente, mas um revelador, o profeta semelhante a Moisés (Dt 18,15). Quando Jesus anuncia o reinado de Deus ele não está querendo se tornar rei dos judeus, mas o salvador do mundo (Jo 4,42).

Jesus Cristo é o resumo da pregação inicial. Significa que o *cristo*, o *messias*, o *rei unguido*, o *profeta unguido*, o salvador do mundo é Jesus, o pobre galileu crucificado. Isso é um absurdo para os judeus (Dt 21,22-23) e uma tolice para a sabedoria grega (1Cor 1,23).

## 5.

# VOCABULÁRIO IDEOLÓGICO OU CULTURAL

***(termos próprios de uma maneira de pensar diferente da nossa)***

**FILHO:** Quem tem alguma familiaridade com a Bíblia já percebeu, certamente, que a palavra *filho* tem ali um significado mais amplo do que tem para nós. Não é apenas aquele que foi imediatamente gerado, mas é também o neto, o bisneto, todo descendente. “*Filhos de Abraão*”, “os *filhos de Israel*”, “*filhos de José*” são expressões que entendemos facilmente como descendentes de Abrão, de Israel, de José.

Há mais. *Filho* muitas vezes é na Bíblia o indivíduo de um grupo, alguém que tem uma ligação com outro(s), alguém que pertence a determinada categoria de pessoas. Assim em Gn 6,2-4, fala-se em “*filhos de Deus*” que se uniram a “*filhas dos homens*”. Certamente está reproduzindo um mito corrente. Como “*filhas dos humanos*” são seres humanos, “*filhos de Deus*” são seres divinos ou celestes, ou os que as antigas mitologias chamavam de “heróis”, seres semidivinos. Em Gn 11,5, episódio da torre de Babel, o SENHOR desce para ver o que os *filhos de Adão* ou *filhos do homem* estão fazendo. É o mesmo que dizer os seres humanos, ou os indivíduos humanos.

Em 1Sm 10,27 “*filhos de Belial*” como traduz literalmente João Ferreira de Almeida e também a Bíblia dos Capuchinhos portugueses, corresponderia a um nosso “gente de Satanás”, é traduzida como “renegados” na Bíblia da CNBB, “vadios” na Bíblia de Jerusalém, “cafajestes” na Bíblia da



Editora Vozes. Se Belial representava o ser mau, maligno, sem vergonha, “*filhos de Belial*” são a gente do seu lado.

Quem seriam, então, os “*filhos do Reino*” que, em Mt 8,12 “serão lançados na escuridão lá fora, onde há choro e ranger de dentes”? São aqueles a quem caberia o Reinado de Deus, os judeus.

*Filho* é também a pessoa de um ou de outro lado, o partidário, ou, então, o seguidor ou discípulo de alguém. Assim é que Amós, expulso de Betel pelo sacerdote Amasias, responde que não é “profeta nem *filho* de profeta” (Am 7,14), isto é, não pertence, nem como pai ou mestre, nem como *filho* ou discípulo, às então conhecidas confrarias dos profetas carismáticos.

Comparando traduções: Mt 9,15 na de João Ferreira de Almeida está “*filhos das bodas*” e na Bíblia da CNBB, “convidados do casamento”. “Os *filhos do reino*” e os “*filhos do maligno*” (JFA) de Mt 13,38 são na Bíblia da CNBB “os que pertencem ao reino” e os “que pertencem ao maligno”. Em Mt 17, 25 e 26 “os *filhos*” de quem os reis não cobram tributos, são na Bíblia da CNBB “o próprio povo”; o “*filho do inferno*” de Mt 23,15 é na Bíblia da CNBB “merecedor do inferno”, o “*filho da paz*” de Lc 10,6 é o “amigo da paz”.

Já em Lc 16,8 ambas as traduções trazem “*filhos deste mundo*” e “*filhos da luz*”, mas dá para entender que os *filhos* deste mundo são os partidários deste mundo, os que vivem de acordo com os critérios deste mundo, enquanto os *filhos da luz* são os do lado da luz, os que procuram viver de acordo com os critérios de Deus. O mesmo acontece em Jo 17,12 onde Judas é chamado de “*filho da perdição*” em ambas as traduções. Significa o indivíduo perdido, ou que merece a perdição, a morte.

A Bíblia do Peregrino traduz ‘filhos deste mundo’ e ‘filhos da luz’ por “cidadãos deste mundo” e “cidadãos da luz”. Já o ‘filho da perdição’ é o “destinado à perdição”.

*Filho*, então, não é somente quem nasceu de alguém, mas é também discípulo, partidário, indivíduo de um grupo, de uma categoria, de uma classe e, até mesmo, o merecedor ou destinado para alguma coisa.

**TEMOR DE DEUS:** A expressão nos lembra hoje uma pessoa que reza muito, cumpre fielmente uma série de devoções, é muito devota, ou então, é escrupulosa, vê pecado ou perigo de pecado por toda a parte. Será que na Bíblia tem o mesmo significado?

De maneira bem geral e como princípio fundamental, temer a Deus ou ter o *temor de Deus* significa ser fiel e obediente à sua Lei, realizar na prática o que Deus manda. Os livros da Bíblia que falam da “Sabedoria” como Provérbios, Eclesiástico, identificam o conteúdo da “Sabedoria” com a Lei de Deus. Assim repetem frequentemente: “O princípio da Sabedoria é o temor do Senhor”, isto é a prática da Lei de Deus.

Concretamente, já que a Lei de Deus é a lei da boa convivência, “temer a Deus” é saber respeitar o direito do mais fraco. Por trás disso está o pensamento de que Deus está do lado do fraco, é o seu único defensor. “E quando ele clamar por mim eu o atenderei” encontramos frequentemente na legislação bíblica como em Ex 22,21-23, ou, de modo semelhante, em Eclo 4,1-11. Assim, falar mal do surdo ou pôr tropeço no caminho do cego (Lv 19,14) é não ter *temor de Deus*, e “temer a Deus” é pôr-se de pé diante do idoso (Lv 19,32). No capítulo 25 do Levítico temos: “Não explores teu concidadão, teme a Deus!” (17), “Dele não cobrarás juros, teme a Deus!” (36), “Não o domines com dureza, mas teme a Deus!” (43).

O Salmo 112 (111) define bem quem é aquele que “teme a Deus”: ele é feliz na observância dos mandamentos, sempre justo, bom, misericordioso, compassivo, administra seus bens com justiça, empresta gratuitamente, reparte e dá aos pobres. É o oposto do injusto ou ímpio, que range os dentes, enquanto o temente a Deus se dá bem.

Abraão em Gn 20,11 pensa “não há *temor de Deus* neste lugar, eles vão me matar”. José do Egito em Gn 42,18 diz que não oprime os seus irmãos porque tem *temor de Deus*. Em Ex 1,17 e 21 as parteiras do Egito tiveram *temor de Deus*, não do faraó, e não mataram os meninos.

No poema de Isaías lido e cantado frequentemente na época de Natal (Is 11,1-9), *temor de Deus* é uma das qualidades próprias do rei esperado. Além das qualidades de Salomão, espírito de sabedoria e inteligência, e de Davi, espírito de prudência e fortaleza ou ousadia, ele terá espírito de conhecimento e *temor do SENHOR*. Inspirado no *temor do SENHOR* “julgará os fracos com justiça, com retidão dará sentença em favor dos humilhados do país. Castigará o opressor com a vara que é sua

boca”, a justiça e a verdade serão o seu cinto e vai acabar com a estória do lobo e do cordeiro, onde o mais forte devora o mais fraco por qualquer pretexto.

Neemias (Ne 5,9), após criticar aqueles que estavam cobrando juros extorsivos e reduzindo companheiros à escravidão diz: “Não está certo o que fazeis. Deveríeis deixar-vos guiar pelo *temor de Deus*”. E no v. 5 diz que não exigiu altos tributos nem permitiu que seus funcionários explorassem o povo por *temor de Deus*.

No Novo Testamento temos no Evangelho de Lucas a parábola do juiz que não tinha *temor de Deus* (Lc 18,2-6). Sem *temor de Deus*, ele não se interessa em ouvir as queixas da viúva pobre, só a atende para se livrar da amolação. Deveria ter atendido por *temor de Deus*, defensor do fraco.

*Temor de Deus*, então, é fidelidade à Lei de Deus em geral e especificamente respeito ao direito do mais fraco, de quem Deus é o único defensor, é, assim, a prática da justiça social.

**CONHECIMENTO DE DEUS** Quando se fala em conhecimento, a influência da cultura grega levamos a pensar em conhecimento intelectual, teórico. Ter o *conhecimento de Deus* seria, então, saber das teses científicas e das reflexões filosóficas e teológicas sobre Deus. Para se ter esse *conhecimento de Deus* é preciso pesquisar e estudar muito. Será assim também na Bíblia?

Na Bíblia, conhecer, muito mais do que pôr idéias na cabeça, é ter experiência pessoal, ter afinidade, intimidade. Assim é que “conhecer”, na Bíblia, muitas vezes significa manter relações sexuais.

*Conhecimento de Deus* está freqüentemente conjugado com o temor de Deus. Significa, então, ter intimidade, afinidade com Deus, o único defensor dos fracos, respeitar, portanto, e defender os direitos dos pobres.

No poema clássico de Isaías (Is 11,1-9) *conhecimento de Deus* é, ao lado do temor de Deus, uma qualidade própria do rei esperado. Inspirado pelo temor de Deus, ele defende o oprimido e castiga o opressor. Assim, o país inteiro terá também uma inundação de *conhecimento de Deus* (v. 9), a ponto de a inocência de um bebê poder brincar no buraco da cobra, pois “ninguém fará mal, ninguém pensará em prejudicar” (v. 8), todos tomados de *conhecimento de Deus*, ou seja, da intimidade com Deus que faz respeitar e valorizar o mais fraco.

Jeremias emprega várias vezes essa expressão e nos ajuda a entender o seu significado. Em Jr 4,22 o povo não tem *conhecimento-intimidade* com Deus, não sabe o que é fazer o bem. No início do capítulo 9, especialmente dos vv. 2 a 5 fala de gente que é “uma quadrilha de traidores”, onde manda a mentira, não a verdade, todos enganam, praticam o mal, injustiças sobre injustiças, “rejeitando o meu *conhecimento*”. E no v. 23 do mesmo capítulo: “seja sensato e tenha o meu *conhecimento*, pois eu sou o SENHOR, que põe em prática a misericórdia, a justiça e o direito no país, pois é disso que eu gosto”.

No capítulo 22 (13-19), Jeremias define mais claramente ainda o que é “*conhecer o SENHOR*”, a partir de fatos concretos como o do rei Joaquim, filho de Josias, que estava construindo um novo palácio, apesar da situação de penúria da nação inteira. Começa no v. 13 comentando que o palácio está sendo construído com exploração de mão de obra, depois, no v. 15 lembra Josias, o pai de Joaquim, que “julgava com justiça a causa do humilde e do indigente” e termina perguntando no v. 16 “*conhecer-me não é isso?*”.

Assim, *conhecer Deus* ou o SENHOR nada tem a ver com conceitos e teorias, mas é ser íntimo, ter afinidade com Aquele que está sempre do lado do pobre, do mais fraco.

**INFERNO(S):** As pessoas mais idosas devem se lembrar de que, na nossa profissão de fé, o credo, dizíamos que Jesus “desceu aos *infernos*”. Logo após o Concílio Vaticano II, quando a Missa passou a ser celebrada em português, os “*infernos*” passaram a ser chamados de “mansão dos mortos”. É esse o significado da palavra “*inferno(s)*” na Bíblia.

Não que imaginassem os mortos morando numa chique mansão. Era um lugar cheio de água e lodo, debaixo da terra. Imaginavam a terra como uma mesa. As pernas da mesa seriam as “colunas da terra” e debaixo, em água barrenta, ficava o lugar dos mortos chamado “*xeol*” em hebraico, “*ades*” em grego, “*inferos*” em latim, donde *infernos* nas antigas traduções portuguesas.

O mar, que estava nos limites da terra, se comunicava com o “*xeol*” e, assim, podia também ser símbolo da morte. Assim é que em Apocalipse 20,13 “o mar devolve os mortos que lá estavam” e em

Ap 21,1 falando do mundo novo só de felicidades, diz que “o mar já não existe”, isso é, acabou a morte, morte não existe mais.

Os salmos ou orações de pessoas que sentiram a morte se aproximar falam disso como se estivessem prestes a se afundar no lodo ou na água barrenta, como em Jn 2,6-7: “Por todos os lados a água me sobe até o pescoço, o abismo me circunda, algas se agarram à minha cabeça. Desci até as raízes das montanhas, até debaixo da terra, trancado por cima. Mas tiraste da fossa a minha vida”.

A dificuldade em se traduzir o termo aparece nas muitas variantes que se encontram, por exemplo, na Bíblia da CNBB, terceira Edição. Temos no Primeiro Testamento “reino dos mortos” (Gn 37,35), “morada dos mortos” em vários lugares, “abismo” também em mais de um lugar. Alguma vez é “mansão dos mortos”, a expressão que se encontra no Credo. Em outros lugares chega a ser o mesmo que sepultura (Is 14,11). No Novo Testamento temos “inferno” (Mt 11,23; 16,18; Lc 10,15) “região dos mortos” (Lc 16,23), “mundo dos mortos” em At 2,27 e 31 e, no Apocalipse (1,18; 6,8; 20,13) “morada dos mortos”.

Na Bíblia, portanto, a palavra *inferno*, no singular ou no plural, não é um lugar de castigo, é simplesmente onde imaginavam ficarem os mortos.

**GEENA:** Era símbolo do castigo. Vem do aramaico *ge hinam*, que indicava o valo de Hion, próximo a Jerusalém, onde, em tempos passados, teria sido o local de sacrifícios de crianças ao deus Moloc. Jeremias ameaça um castigo nesse mesmo lugar para os dirigentes que admitiram esses sacrifícios de crianças, de modo que os cadáveres dessas pessoas seriam atirados ali sem sepultura, para queimar e apodrecer. Mais tarde tornou-se o lixão de Jerusalém, ali o fogo não se apagava nem o verme morria, pois sempre mais coisas eram ali jogadas para queimar e apodrecer.

No Novo Testamento a *Geena*, ou esse lixão que está sempre se queimando, torna-se símbolo do castigo após esta vida. Vai corresponder à nossa idéia de inferno com fogo eterno. Assim é que a Bíblia da CNBB, mesmo esclarecendo o termo *Geena* em seu glossário, traz “inferno” em todos os lugares onde o termo ocorre, enquanto que a Bíblia de Jerusalém sempre usa a palavra *Geena*.

**ANJO:** Segundo a tradição judaica<sup>5</sup>, os *anjos* são criaturas aladas que cantam os louvores de Deus no céu. São eles que levam as orações dos homens até Deus, mas eles mesmos não devem ser cultuados. Há *anjos* bons e *anjos* maus. Eles estão presentes nos acontecimentos da vida humana. Quando, por exemplo, o pai de família volta para casa, na noite do shabat, sexta-feira à noite, após o culto na sinagoga, dois deles, um bom e um mau, o acompanham até em casa.

Na Bíblia, no Primeiro Testamento, em textos mais recentes, escritos depois do contato com a cultura persa, *anjos* começam a povoar as narrativas. No livro de Tobias aparece o *anjo* Rafael (medicina de Deus), em Daniel é o *anjo* Gabriel (homem forte de Deus) que anuncia a chegada da salvação.

Em textos mais antigos, ocorre frequentemente a figura de um “*Anjo do SENHOR*”. *Anjo* é uma palavra grega que traduziu *male'ak* do hebraico e significa mensageiro, enviado. Esse mensageiro ou enviado que fala e age como se fosse o próprio SENHOR aparece muitas vezes no Primeiro Testamento. Parece ser como que uma cópia ou duplicata do SENHOR, pois que ao próprio Deus ninguém pode ver, senão morre.

Esse conceito de *anjo* como cópia de uma pessoa aparece claramente no episódio que segue à libertação de Pedro no livro dos Atos dos Apóstolos. Pedro, que estivera preso e fortemente vigiado, vai para a casa onde se reuniam os irmãos e bate à porta. Rode ou Rosa vai atender. Ao reconhecer a voz de Pedro, de tão contente, não abre a porta, mas corre para dentro a fim de contar aos outros. Eles dizem: “Não pode ser ele. Deve ser o seu *anjo*.” (At 13,15). O mesmo podemos ver em Mt 18,10, onde Jesus diz que os *anjos* das crianças vêm continuamente a face do Pai. Seriam duplicatas celestes de cada criança.

Essa maneira de ver o *anjo* como uma cópia ou duplicata celeste pode explicar melhor o significado dos “*Anjos das igrejas*” ou comunidades, no livro do Apocalipse. Na visão inaugural (Ap 1,12-20), Jesus caminha entre sete candelabros e tem na mão sete estrelas e o v. 20 explica que os sete

5 Segundo UNTERMAN Alan, Dicionário Judaico de Lendas e tradições, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992. Quanto à tradição dos mais antigos rabinos, BONSIRVEN J., Textes Rabiniques

candelabros, ou luzes aqui da terra, são as comunidades (históricas, terrenas) e as sete estrelas, ou luzes do céu, são os *anjos* (a realidade celeste) das comunidades.

O livro do Apocalipse está repleto de *anjos*. Correspondendo à tradição judaica, eles cantam os louvores de Deus, levam a Deus as orações dos fiéis e, ao mesmo tempo, são os mensageiros que revelam, que tocam as trombetas ou derramam as taças, provocando, assim, os castigos de Deus, semelhantes às pragas do Egito, para os opressores do seu povo. Aí eles se parecem com o *Anjo da Morte*, aquele que provocou a peste e a morte dos primogênitos, segundo a tradição judaica. Segundo Ex 12, 29-30, entretanto, foi o próprio SENHOR que feriu de morte os primogênitos dos egípcios.

A idéia de *anjo* na Bíblia, apesar de semelhante à que nós temos hoje, não é exatamente igual. Não é a de um simples protetor dos humanos, embora leve a Deus nossas orações, nem a de um músico ou cantor do céu, mas *anjo* é um mensageiro de Deus, um seu representante e, mesmo, sua duplicata, como pode ser também duplicata celeste de nossas realidades.

**DEMÔNIO:** É uma das palavras que mais têm sinônimos: Demo, Diabo, Satanás, o Cão, o Tinhoso, o Encardido, o Chifrudo etc.. Isso, talvez, porque esteja muito presente na mente de muitas pessoas e, quanto mais alguém se lhe sente familiar, mais apelidos lhe inventa.

Na Bíblia é clara a distinção entre *demônios* ou espíritos maus e Satanás ou Diabo. Em geral não se conhece ou não se considera essa distinção. Os *demônios* estão ligados à doença ou à loucura. As próprias descrições que os Evangelhos fazem mostram isso, como no caso do menino que caía ao chão, babava, rangia os dentes e ficava rijo, sintomas claros da epilepsia (Mt 17,14-21; Mc 9,14-29; Lc 9,37-43). Algumas vezes é um *demônio* surdo-mudo, em outras os sintomas são de algum tipo de loucura.

Em Mc 3,21-22 os familiares de Jesus acham que ele está ficando louco, enquanto os Escribas dizem que ele está possuído, não por um demônio qualquer, mas por Belzebu ou Satanás, o chefe dos demônios.

Os escritos dos rabinos falam em *demônios* com muito maior freqüência do que os Evangelhos. Por aí se vê que a cultura judaica estava povoada deles enquanto os Evangelhos acabam deixando-os um pouco de lado. Aliás, o Evangelho segundo João só fala em *demônio* duas vezes. Ocorre quando os inimigos falam que Jesus tem um *demônio*, querendo dizer que ele estava louco (Jo 8,48-49 e 10,20-21).

As figuras chamadas demoníacas nos textos mais antigos do Primeiro Testamento se parecem mais com nossas figuras folclóricas como dragão, monstros, lobisomem, mula sem cabeça. O contato com as culturas babilônica e persa e com seus deuses bons e maus é que multiplicou na cultura judaica a presença de *demônios*, em lugar dos deuses maus dos persas. Aliás, a palavra grega *daimon* significa apenas divindade, ser divino ou espírito do outro mundo.

O filósofo judeu Maimônides negava a existência de demônios. E Paulo diz (1Cor 8,4-6 e 10,20-21) que os ídolos ou *demônios* que muitos afirmam existir, não existem, só há um Deus.

A narrativa da criação em Gn 1,2-2,4a, mesmo utilizando mitos da criação das culturas babilônica e persa, exclui qualquer referência aos deuses maus ou *demônios*. O mundo material não é criação deles, é do Deus único e soberano e, em conseqüência, o mundo material não é mau, é bom.

Segundo a tradição judaica que se firmou depois, Deus criou os *demônios* na tarde do sexto dia, mas não teve tempo de dar-lhes um corpo, porque, com o pôr do sol, veio o sábado. Sem corpo, os *demônios* ficam vagando e se esfregando nas pessoas para gastar-lhes as roupas e provocar doenças. Daí, sua ligação com as doenças, especialmente no Evangelho segundo Marcos.

Se a doença era um *demônio*, sua cura era um exorcismo. Hoje o caminho deve ser outro. A idéia do *demônio*, em vez de resolver, quase sempre agrava os problemas. É bom notar a descrição com que a Igreja oficial trata a questão dos exorcismos. Só pode exercê-lo um padre maduro em idade, espiritualidade e sabedoria, escolhido e nomeado pelo bispo diocesano (*Código de Direito Canônico, Cânon 1172*).

*Demônio*, então, não é o mesmo que Satanás ou diabo, o tentador. É mais uma explicação extraterrena para fenômenos e para doenças físicas ou psicológicas, cujas causas não se conhecem.

**SATANÁS:** É o diabo. “*Satã*” ou “*Satanás*”, é palavra de origem hebraica e significa aquele que impede o caminho, o opositor, o adversário, o inimigo, o acusador, o tentador. “*Diabo*” é palavra que vem do grego e significa o que atira para os lados, o que espalha, o falador, o fofoqueiro, o intrigante. Assim, veio a corresponder ao hebraico “*satã*”.

Em uma passagem da Bíblia (Nm 22,22 e 32) por duas vezes se diz que o Anjo do SENHOR (ou uma duplicata do SENHOR) se colocou como “*satã*” para impedir o caminho de Balaão. Só a tradução de João Ferreira de Almeida diz “pôs-se como *adversário*”, as outras dizem apenas “para barrar-lhe (ou para impedir-lhe) a passagem”. A antiga tradução grega diz “para *diabolizá-lo*”.

No livro de Jó *Satanás* é um ministro de Deus. Deus, como os antigos reis governantes, faz uma reunião do seu ministério (1,6 e 2,1). Um dos ministros, como que o Procurador Geral do Reino, é *Satanás*. Deus o desafia a fazer alguma acusação contra Jó e, por aí, começa toda a estória.

Depois, além de acusador, *satanás* é o tentador, o que induz ao pecado. Duas vezes se fala na Bíblia de um recenseamento feito por Davi e que foi seguido de uma epidemia que matou muita gente. No Segundo de Samuel, escrito mais antigo, (24,1) foi a “ira do SENHOR” que levou Davi a fazer o recenseamento. No 1Crônicas (21,1), escrito mais recente, depois de maior contato com as culturas babilônica e persa, foi *Satanás* quem induziu Davi.

O livro do Apocalipse (12,9) identifica *Satanás*, o *Diabo*, “o sedutor do mundo inteiro” com a serpente do paraíso, “a antiga serpente”, que também é um dragão. Esse dragão vermelho, de dez chifres e sete cabeças é, na terra, na realidade cotidiana, “a Babilônia, a mãe das prostitutas da terra”, Roma, a cidade das sete colinas (17,9), o Império Romano.

Antigos livros judeus que não fazem parte da Bíblia falavam de uma revolta de *Satanás* que o fez ser precipitado do céu com outros “filhos de Deus” ou anjos seus partidários. O livro do Apocalipse e a Segunda Epístola de Pedro conhecem essa tradição judaica.

O motivo da revolta, segundo a tradição judaica, foi o ciúme com o status de Adão a quem *Satanás* não quis prestar homenagem. Adão, uma simples criatura, era feito de pó e *Satã* fora feito do esplendor do próprio Deus. Em vez de homenageá-lo, ele traiu Adão, mantendo relações sexuais com Eva através da serpente e foi ele o pai de Caim. Isso diz a tradição judaica.

Nos Evangelhos de Marcos (3,20-26), Mateus e Lucas, *Satanás* é identificado com Belzebu (o deus das moscas dos cananeus), como chefe dos demônios. Em Marcos, os familiares de Jesus pensam que ele está louco e os escribas, ou mestres da Lei de Deus, explicam: ele está possuído, não por um demônio qualquer, mas pelo chefe de todos. Na sua resposta, Jesus fala em *Satanás*.

No Evangelho de João, *Satanás* é o grande inimigo de Jesus, pode ser o chefe, o que manda neste mundo (12,31), é ele que põe na cabeça de Judas a intenção de trair Jesus (13,2) e, quando Judas recebe de Jesus o bocado (de pão ou de carne) passado no molho (13,27), torna-se ele o inimigo, *Satanás* entra nele. Ele vai levar os representantes dos romanos e dos judeus para prender Jesus. *Satanás*, “o chefe deste mundo”, nesse momento é ele.

Assim, *satanás* ou diabo não é o mesmo que demônio. É, em primeiro lugar, o obstáculo, o inimigo, o acusador e o tentador. É um só, “o chefe deste mundo”, o que impede a caminhada do Reino de Deus. Os demônios são seus subordinados.